

SEM TERRA: UM ACAMPAMENTO POLÍTICO

Paulo Bassani*

A Reforma Agrária sufocada durante os 20 anos do regime militar, encontra-se hoje, novamente, como bandeira e expressão de muitos grupos subordinados historicamente no campo brasileiro.

Essa luta ressurgiu com força total. São camponeses, posseiros, trabalhadores rurais, Sem Terra que, mesmo dispersos em organizações diferentes, possuem um objetivo decisivo que é a terra. Isto porque a terra para o campesinato significa, condições do trabalho, condição de como indivíduos poderem realizar sua reprodução, significa participar e exercer sua cidadania com plenitude.

Na introdução de sua Questão Agrária, Kausty, já afirmava a mais de 80 anos que "são as necessidades práticas, muito mais do que as necessidades teóricas, que fazem hoje com que nos debruçamos sobre a Questão Agrária". Hoje na realidade brasileira, visto o avanço dos movimentos sociais no campo, principalmente dos Sem Terra, camada camponesa que cresceu muito nos últimos anos, tanto em número, quanto em representatividade política, vem demonstrando o quanto isso é real. Acreditam os Sem Terra, que já não bastam interpretações, planos, leis e projetos sobre a realidade agrária, é preciso transformá-la.

Os Sem Terra, através de suas organizações regionais e nacional, vem demonstrando ser na atualidade, com sua prática política, a categoria camponesa de vanguarda nas lutas sociais do campo brasileiro. Visto serem os que forcem na prática a efetivação da Reforma Agrária prometida pela "Nova República".

Uma categoria social que não se rende frente a força militar (Anoni-RS), que empunha como bandeira a Reforma Agrária imediata, caminha, grita, pede apoio, mobiliza a imprensa, o país com sua coragem e determinação. Acampando em frente palácios, Assembléia Legislativa, INCRA, desperta os sonolentos e encoraja os fracos. E desta forma, provocando uma imediata contra-organização de direita por todo país (UDR, TFP, etc.).

Os Sem Terra, com seu movimento, fazem repensar a Igreja Católica com sua opção "preferencial" pelos pobres, as esquerdas com seus moldes importados, esquizofrênicos de interpretação e organização.

Nas cidades fez-se conhecer sua força. Os trabalhadores urbanos agora compreendem o potencial camponês, sabem de que os Sem Terra são capazes.

Seu processo de organização faz permitir uma maior lucidez de seus objetivos, não permitindo qualquer tipo de promessa, manobristo, ou oportunismo tanto de direita, bem como de alguns grupos de esquerda. Recebem e aceitam o apoio de entidades e partidos comprometidos com uma Reforma Agrária autêntica e imediata, mesmo porque compreendem a necessidade de estabelecerem alianças com grupos e idéias que acreditam nesta causa, construindo desta maneira na organização a sua

* *Mestre em Sociologia Rural.*
Professor do Departamento de Ciências Sociais da UEL

luta objetiva. Por outro, aos partidos, a Igreja (CPT) e os movimentos sociais urbanos comprometidos com a transformação da sociedade, não poderão omitir a existência dos Sem Terra, hoje no Brasil como força social.

Os acampamentos, como espaço organizacional de luta, ultrapassa as fronteiras do campo e invadem as cidades. Percebem os Sem Terra que as decisões sobre o campo são tomadas nas cidades. Esta percepção é mais um dado demonstrativo de seu potencial desperto.

Descobrem, nesse cotidiano de organização camponesa, pelas cidades adentro, o porquê de sua luta, na medida em que percebem com seus próprios olhos a miséria acumulada nas favelas, nos barracos, no desemprego, nos menores abandonados, no medo e na violência que cerca as cidades.

Portanto seu acampamento e sua luta política é também uma negação a esta negação, um não a marginalização urbana e rural, um não a própria miséria.